



Bela homenagem para a Associação Comercial do MA ao completar seus vitoriosos 170 anos

• PÁGS. 4, 6, 6, 7 e 8



Presidente da Associação Comercial do Maranhão, o jovem executivo Cristiano Barroso Fernandes exhibe a placa recebida na Câmara dos Vereadores de São Luís

O poeta Luis Augusto Cassas lança no dia 13 de setembro seu livro O Vampiro da Praia Grande

• PÁGS 6 e 7



AS MULHERES

possuem muito mais ligações com o vinho do que se pode imaginar. Sem contar que as mulheres eram figuras muito frequentes na mitologia grega em embalas de Baco, o deus do vinho, bem como nas lendas persas. Em São Luís é cada vez maior o número das mulheres apreciadoras de vinhos. Exemplo: Cida Valadão, Thatiana Bandeira, Rose Medeiros e Kátia Rocha adoram degustar bons vinhos ao lado dos maridos, que também são apreciadores de vinhos.

• PÁG.3

1 Enviuei de tantas casas em minha vida e lembro de todas com ternura. Roubei esta frase de Pablo Neruda. Não sei escrever coisas tão belas; mas tenho envidado também de algumas casas, às vezes sem haver vivido nelas.

Há uma que ancorou num remanso de minha memória e volta e meia me ressurgiu, agora distante e inatingível. Sei que era imponente em meio ao jardim sem muros, com suas colunas brancas, seus gramados, a porta de madeira trabalhada. As pessoas que a habitavam, no entanto, eram simples e afetuosas.

Onde foram parar essas pessoas? - me pergunto e já não tenho como me responder. Recordo apenas que falavam uma outra língua e eu achava engraçado, pois era uma língua muito parecida com a nossa, mas havia umas palavras que não conseguia entender e então pedia que me explicassem.

As relações eram de família. Apareciamos lá em formação completa num que outro domingo, num feriado, num aniversário. O dono da casa compartilhava com meu pai o gosto por essas conversas compridas em que transitam livros, filosofia, alguma política.

Morava ali uma calma harmonia, que até mesmo um garoto de oito anos, como eu, era capaz de perceber. A dona de casa era uma senhora bonita, sem nenhuma afetação. Dava-se esplendidamente com minha mãe, tratava a nós, as crianças, com um toque de ternura, talvez porque não tivesse filhos. Contava-nos coisas de quando era menina em sua terra e de umas florestas imensas que avistava de seu quarto e de umas montanhas nevadas que luziam nas noites claras, território de lobos e de abismos.

Os almoços eram uma celebração da vida, um desfile de pratos com nomes estranhos, tudo corado por uma exuberância de doces capazes de des-

RECORDAÇÕES

ou o pequeno tratado de lembranças e tentações que recordo com ternura

moralizar instantaneamente qualquer dieta. Ficávamos ao redor da grande mesa esquecidos das horas, pois os anfitriões serviam então histórias de guerra e paz, algumas comoventes como a deles, que haviam se conhecido durante um ataque aéreo a uma cidade indefesa e insone no interior da Espanha.

E um dia cessaram as visitas. Meu pai me falou que nossos amigos tinham regressado à Espanha, depois de quase dois anos em Presidente Dutra, onde ele participou do grupo que fez perfurações de poços para a Petrobras, com o objetivo de descobrir ali a existência de petróleo e gás natural.

2 Ando envolvido há semanas com um virtuoso exercício de jogar fora coisas imprestáveis. Foi separando uns papéis que encontrei um postal do Texas. Não era uma simples mensagem. Era um compêndio inteiro de saudades que nos enviaram os habitantes da casa sem muros, revivendo nossos almoços, pedindo notícias da terra e de cada um de nós. Não posso dizer se foi respondido: a data é de 1960.

Por um momento tive vontade de responder, de

dizer que estamos todos bem.

Depois desisti: não estamos todos bem. Muitos de nós partiram, provavelmente nossos amigos também, ao menos de Andaluzia.

3 De tudo o que leio tenho por hábito anotar as frases que acho interessante, mas esta não lembro onde li: a gente não deve evitar as tentações, porque depois de certa idade são as tentações que nos evitam. Há uma tão profunda, risonha sabedoria nessa frase de incógnito autor que gostaria de ter sido apresentado a ela não agora, mas quando era jovem, inexperiente - e, desconfio, um pouco mais tolo do que hoje sou.

Estudava Administração Pública e, ao voltar das férias de julho, soube que alguns colegas tinham deixado o curso, dois para tentar o vestibular no Itamaraty, outro para entrar na Ordem de São Bento. Aquela altura já era claríssima minha incompatibilidade com estatística, matemática, sistemas e métodos, de modo que me veio, sedutora, a tentação de também bater asas. Daria um péssimo monge beneditino. Mas talvez não me saísse mal como diplo-

mata. Não bati asas. Mantive-me solidamente aterrissado na rotina.

4 Em São Luís, eu era hóspede de uma animada república. Os donos cultivavam cordialíssimas normas de hospitalidade. Disparavam-me convites amáveis para pegar uma praia, encontrar umas garotas, ir ao cinema ou a festas no Lítro e no Casino - os clubes sociais mais animados da época -, mas eu agradecia. Pois estudava o dia inteiro para o exame de seleção ao meu primeiro emprego, devorava toneladas de livros, acordava às seis da manhã e ia dormir exausto depois das onze da noite.

Aprovado e contratado, peguei o primeiro ônibus, amarguei cinco horas de viagem e fui mostrar aos meus pais o meu primeiro contrato de trabalho.

E constatei, melancólico como um cão, que minha vida era outra

5 Vítima de uma educação severa, nos meus primeiros anos longe da casa dos meus pais, enfrentei impávido uma pá de tentações de romper com metade dos 10 Mandamentos, render-me a pelo menos uns três dos Sete Pecados Capitais, afrontar leis da Moral Estabelecida, permitir que voasse livre como um pássaro o rebelde sem causa que no fundo eu teimava em ser. Mas por temor, conformismo, culpa, me recusei a escutar cativantes intimidações dessa deusa que se chama alegria de viver.

Hoje as tentações me evitam. Hoje as tentações transitam ao largo de meus desejos. Hoje as tentações fingem que não me conhecem. Logo hoje, quando já não sou tão tolo e abriria os salões de minha alma e de meus sentidos para receber, em uma festa sem fim, todas as tentações por que penou meu coração.



Os teclados de pianos (foto) ou de máquinas de escrever faziam o som das profissões em plena atividade. Os locais de trabalho eram os escritórios, lugares onde se escrevia. Os pianos ficavam nas salas de visita

O SOM DO TECLADO

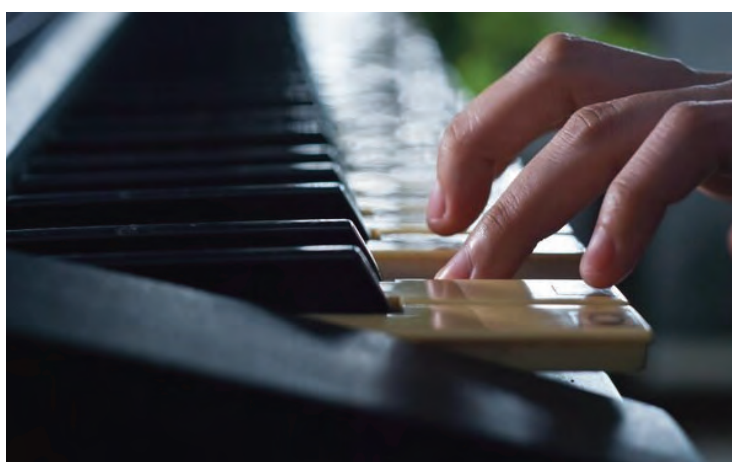
Havia um piano na velha casa da rua do Sol, fazia parte da formação das moças. As teclas pareciam de marfim, brancas e pretas, de onde jamais tirei som que preste, nem mesmo um bife básico. Ao redor do piano vinham de fora as sanfonas, manipuladas com estardalhaço por talentos reconhecidos na cidade. A cascata de teclas me confundia ainda mais. Como podiam acertar as notas com tanta oferta para os dedos? Música sempre foi um mistério para mim. Acabei ganhando a vida no teclado mais banal, o das máquinas de escrever.

Há uma mística sobre as velhas Olivetti. Mas batucar nas pretinhas era um exercício de várias marcas. Lembro que por mais de uma vez martelei em antiquíssimas Underwood, além das Remington de vários calibres. A garotada de hoje que desliza as mãos para produzir em massa vai rir quando souber como eram as máquinas de escrever no saudoso jornal "O Estado do Maranhão". As mesas eram de fórmica e o monstro do teclado estava embutido nelas. Para produzir o texto, era preciso puxar a maçaneta que o mecanismo funcionava: do ventre da mesa saltava a ferramenta de uso diário.

Depois do rec rec e do tec tec intermináveis para desovar matérias ou fechamentos (título, olho, legenda, etc.), o que gerava um lixo considerável de laudas jogadas fora, e acionava-se de novo o mecanismo para que a máquina voltasse ao ventre da baleia. Assim, com a mesa desimpedida, passávamos a caneta nos textos, antes de enviar para as oficinas. Funcionava assim: em cima das mesas, havia potes de goma arábica. Servia para colar as laudas uma na outra. Eram tripas enormes, conforme o tamanho da matéria.

Você enrolava a coisa, fazia um canudo com aquilo e gritava para o office-boy: desce! O rapaz então vinha e levava até o centro da redação, e jogava dentro de um orifício, que era o bocal de um cano curvo, comprido, que se dirigia aos porões. O canudo de papel deslizava para lá, onde os gráficos compunham a sua obra em letrinhas da composição.

É preciso dizer essas coisas, pois



Os teclados do piano sendo usados por mãos mágicas

irão se perder e ninguém vai mais atinar como tudo funcionava. Os teclados faziam o som das profissões em plena atividade. Os locais de trabalho eram os escritórios, lugares onde se escrevia. Trabalhar, durante toda minha vida, sempre foi escrever. Se você está escrevendo no escritório, está trabalhando. Havia pose nos veteranos, que teclavam com a espinha reta, quase olhando para o infinito. Era um jeito cool de se mostrar, exclusivo para quem era observado, estrelas do ofício.

33A sensação é que éramos eternos, aquilo iria ser sempre assim. Falávamos muito em mudanças, mas jamais pensamos que essas iriam cavar fundo na essência da nossa atividade. Mudar era a palavra de ordem e lutávamos por isso. Tudo realmente mudou e o mundo que conhecemos e ajudamos a construir e levar nos ombros acabou indo para o ralo. Hoje, confinados em blogs, sites e até mesmo nos veículos de comunicação que sobrevivem e irão seguir em frente, somos o resultado de um século desse som no teclado.

Somos os peões das palavras, os áridos fazedores de textos, os compositores da música da linguagem, os que fabricam o andar dos carrilhões do tempo que nos devora. Nas rebarbas do nosso ofício, cultivávamos a poesia, como se fosse a primavera. Mas ela era mais do que isso. Era nosso futuro e sobrevivência. Hoje, os que vivem de escrever, espalhados pelo Brasil ágrafo e bruto, são o poema humano de um barro brindado pelo sopro imortal: a vocação e o talento, esse mistério da sabedoria, que sobrevive a todas as mudanças e atinge o tempo como a seta envenenada de Cupido, o deus travesso.

País de velhos

Longe vão os tempos em que o Brasil era um país de jovens. Nossa população envelheceu e, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), começará a diminuir em 2042. No Rio Grande do Sul, a mudança ocorrerá de forma ainda mais acelerada, a contar de 2027. A principal razão para a inflexão demográfica é a queda na taxa de fecundidade, com a consequente redução do número de filhos por mulher.

A queda nos nascimentos, combinada com o aumento da expectativa de vida, resulta em rápido envelhecimento, trazendo consigo desafios sociais e econômicos significativos. Um dos mais críticos é o impacto na Previdência Social. Com menos pessoas ingressando no mercado de trabalho, faltará dinheiro para financiar o número crescente de aposentadorias.

Simultaneamente, a demanda por serviços geriátricos aumentará, exigindo altos investimentos em saúde. No campo econômico, haverá redução da força de trabalho, o que pode afetar negativamente a produtividade e o crescimento econômico. Mas tem um outro ponto nesta questão que me preocupa bastante: a ameaça de perpetuação da pobreza.

País de velhos...2

Ocorre que a diminuição no número de nascimentos é mais pronunciada nas classes sociais altas, nas quais as mulheres com maior escolaridade e acesso ao mercado de trabalho têm crianças mais tarde e em menor número. Em contraste, as pertencentes às camadas sociais mais vulneráveis continuam a engravidar muito cedo e com maior frequência.

Dados do IBGE mostram que as jovens de famílias com renda per capita de até um quarto do salário mínimo têm 3,9 filhos em média. No outro extremo, na parcela mais rica, a média é de 0,77 filho por mulher. Essa disparidade só tende a aprofundar a desigualdade social e a miséria. Para reverter essa tendência, é crucial implementar um programa efetivo de planejamento familiar que ofereça informações claras e acessíveis sobre métodos contraceptivos, saúde sexual e gravidez responsável.

Além disso, é preciso combater mitos e tabus, especialmente os religiosos, sobre sexo e reprodução. Políticas de proteção e empoderamento das mulheres também são essenciais para que possam ter maior independência e controle sobre seus corpos e suas vidas. Sem uma ação rápida e comprometida por parte dos governos e da sociedade, o futuro do país está ameaçado. Corremos o sério risco de virar uma nação envelhecida e irremediavelmente pobre.



Mulheres e homens agora terão opção de servir aos 18 anos

MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS

Uma das novidades do momento é que mulheres que completarem 18 anos em 2025 poderão, pela primeira vez, se alistar nas Forças Armadas.

Decreto nesse sentido foi assinado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na quarta-feira, dia 28.

Ao contrário do masculino, o alistamento feminino será de caráter voluntário. De início serão ofertadas 1,5 mil vagas.

O recrutamento terá início em

2025, e a incorporação a uma das organizações militares (da Marinha, Exército ou Aeronáutica) ocorre a partir de 2026.

Por lei, o alistamento tem duração de 12 meses, podendo ser prorrogado a cada período de um ano até o prazo máximo de oito anos. De acordo com o decreto, o período de alistamento se dará entre os meses de janeiro e junho, mesmo período do alistamento masculino.

As voluntárias devem completar sua maioridade no ano de inscrição e, ainda, residir em município onde exista organização militar. Quando forem incorporadas às Forças Armadas, o serviço militar será de cumprimento obrigatório, ficando a militar sujeita às obrigações e deveres característicos do ofício.

É uma iniciativa inédita e positiva. Igualdade de gêneros passa por decisões como essa.

MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS...2

Como o Brasil não costuma se envolver em conflitos externos, natural que o serviço militar feminino não seja obrigatório. Na prática, para os homens já não é. Perante a lei, o jovem é obrigado a servir, mas a realidade é que há excesso de candidatos e quem não se interessa pela farda é dispensado.

Já existem 37 mil mulheres nas Forças Armadas, que

correspondem a cerca de 10% de todo o efetivo.

A diferença é que essas entraram por concurso, via de regra com idade bem acima dos 18 anos (muitas, já com Ensino Superior). São especialistas, sobretudo nas áreas de saúde, ensino e logística. Algumas têm acesso à área combatente, por meio de provas específicas prestadas em estabelecimentos de ensino militares, como o

Colégio Naval (CN), da Marinha, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX) e a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), da Aeronáutica.

Agora as jovens, no início da vida adulta, poderão ingressar sem concurso e da mesma forma que os homens. É claro que haverá uma seleção, porque a tendência é que existam muito mais candidatas que vagas.

DE RELANCE

Já está disponível para download o aplicativo Pardal, criado para facilitar o encaminhamento de denúncias de propaganda irregular nas eleições. Neste ano, o app vai receber também denúncias relacionadas às campanhas na internet.

Já o Pardal Web permite acompanhar o andamento e as estatísticas das denúncias apresentadas via Pardal Móvel e dentro do próprio aplicativo.

Há um botão que direciona os denunciantes ao Sistema de Alerta de Desinformação Eleitoral (Siade), quando a queixa envolver desinformação, e ao Ministério Público Eleitoral, nos casos de crime eleitoral.

PIS/Pasep - Trabalhadores com direito ao abono têm até 27 de dezembro para sacar o dinheiro. Caixa e Banco do Brasil farão pagamentos.

Levantamento do MEC = O Brasil tem 632.763 crianças

na fila de espera por uma vaga em creche. Nove em cada 10 municípios têm crianças nessa situação.

Regulamentação - CFM apresenta novas regras para regulamentar os vínculos entre médicos e indústrias farmacêuticas e de insumos.

Paralimpíadas - o YouTube fechou um acordo inédito com o Comitê Paralímpico Internacional para transmitir ao vivo os Jogos de Paris-2024.



Na noite alegre e concorrida do bistrô Grand Cru, Rose e Eli Medeiros, José Aparecido e Cida Valadão, Thatiana e César Bandeira e o Repórter PH no primeiro plano

As mulheres e o vinho

As mulheres possuem muito mais ligações com o vinho do que se pode imaginar. Engana-se quem acredita em um mundo de vinhos predominantemente masculino. Até há algum tempo, isto poderia ser verdade, mas não corresponde mais à realidade: o universo vitivinícola feminino está igualmente solidificado. Em 2014, pesquisa apontava que em alguns lugares do mundo, como Estados Unidos por exemplo, as mulheres já consumiam 59% mais vinho que os homens. E tudo certamente pelo crescente interesse

em comprar, degustar e conhecer mais sobre a bebida.

O consumo de vinho pelo sexo feminino começou efetivamente na década de 1970, quando as mulheres passaram a ter posições de destaque na Europa. Existe, no entanto, exemplo mais antigo: madame Barbe-Nicole Clicquot Ponsardin ficou viúva em 1805 e inovou a produção do espumante Veuve Clicquot – um dos mais cobiçados do mundo. Sem contar que as mulheres eram figuras muito frequentes na mitologia grega em embalas de Baco, o deus do vinho, bem como nas lendas persas.



Kátia Rocha, Ana Lucia Albuquerque, Amaro Santana Leite, José Aparecido e Cida Valadão, Thatiana Bandeira e Rose Brunet Medeiros em noite de confraternização embalada por vinhos de ótimas safras

A graça e o charme do mundo

Cabe mencionar que não somente o consumo feminino tem crescido. Cresce também o interesse pela formação profissional no mundo dos vinhos: as mulheres já compõem 50% das salas dos cursos de formação, segundo a Associação Brasileira de Sommeliers (e cujo número só tende a aumentar).

Benéfico para a saúde, além de bebida deliciosa e elegante, o vinho apresenta elementos que podem ser ainda mais vantajosos para as mulheres: os antioxidantes do vinho protegem contra invasores do organismo, agem contra envelhecimento, melhoram a saúde do cabelo, ajudam na circulação sanguínea e previnem problemas cardíacos; os polifenóis do vinho agem no corpo da mulher na minimização de efeitos desconfortáveis dos calores característicos na menopausa, auxiliam no aumento da libido e desenvolvimento de massa óssea; pode

haver controle parcial de sobrepeso ou obesidade em mulheres que consomem vinho de forma moderada.

Quanto aos tipos de vinho, a preferência das mulheres não se limita apenas aos mais delicados como branco, rosé ou espumante: os tintos mais encorpados são igualmente cobiçados e são pedida acertada para mulheres, eis que possuem notas de frutas vermelhas, coloração intensa e oferecem elegância e sofisticação.

Tanto os varietais quanto os blends têm se tornado os preferidos das mulheres que já possuem alguns conhecimentos sobre vinhos e querem explorar outros sabores.

Diante de todo este envolvimento das fantásticas mulheres com os vinhos, além de exímias degustadoras de paladar muito apurado, só nos cabe fazer um brinde a elas!

Parabéns, mulheres! Vocês são a graça e o charme do mundo!

171 nas redes

É impossível ver as notícias cada vez mais comuns envolvendo influencers golpistas e não pensar nisso.

A terra de ninguém das redes sociais virou terreno fértil para todas as espécies de charlatões: gente que arrecada dinheiro (nunca entregue) para vítimas de tragédias, que vende produtos a preços bons demais para ser verdade e, claro, jamais cumpre o combinado e sujeitos que vendem rifas a R\$ 0,05 e, bom, você já sabe o desfecho – prisão e tomazeleira eletrônica.

A coisa toda virou caso de polícia e com razão, porque o velho “golpe do bilhete” se sofisticou e parece não ter limites no mundo virtual. Cair numa roubada é mais fácil. Você nem percebe.

171 nas redes...2

Os ladinos aproveitam-se da ingenuidade de quem, nos últimos anos, deixou de buscar informações em fontes seguras para seguir celebridades na internet.

Há perfis de todos os tipos, mas os que mais fazem sucesso são os agressivos, que gritam contra o sistema e ganham pontos com os algoritmos.

Veja o caso do tal “guru da riqueza” que vem subvertendo a ordem nas eleições à prefeitura de São Paulo. Por sorte, não temos um Pablo Marçal aqui em São Luís, mas é bom abrir o olho.

Os “desinfluenciadores” estão na sua cola. Desconfie de frases prontas (e invariavelmente inspiradoras), de conselhos miraculosos e fáceis demais vindos de quem não é especialista e duvide do ganho fácil.

A vida não é como nas redes sociais. _



O capim-dourado é nativo do cerrado do Tocantins e as peças de artesanato e joias feitas com ele começam a ganhar o mercado internacional

Capim-dourado faz sucesso no exterior

Foi na companhia de Dona Lily Marinho, de saudosa memória, que conheci o Jalapão, no estado do Tocantins. E ali fomos apresentados a uma planta com pequenas flores brancas que se destacava por suas reluzentes hastas douradas. No cerrado tocantinense, o capim-dourado é parte da cultura das mulheres quilombolas da região do Jalapão e, também, matéria-prima para a confecção de artesanato, como bolsas, brincos e chapéus.

Peças feitas a partir do “ouro do Cerrado” já conquistaram seu espaço em lojas no Brasil e até mesmo no exterior, mas a jovem empresária Maria Tereza Castro queria ir além quando fundou a Yetu Biojoias, que fabrica joias a partir do capim-dourado.

Yetu, no idioma iorubá, significa “ancestralidade”, história que a empreendedora quer contar por meio do próprio negócio.

“Eu percebi que existe a exportação desse produto, só que indireta. As pessoas vêm aqui no estado, compram as peças de capim-dourado e revendem. Elas não contam a história do produto. Esse capim não é plantado, ele tem que ser colhido, ele nasce naturalmente no Jalapão. Tem a época certa da colheita. As mulheres quilombolas que fazem as peças de capim-dourado. O diferencial que eu pensei foi criar uma empresa e contar essa história”, diz.



Pérolas e capim-dourado compõem um lindo par de brincos

A Yetu Biojoias nasceu em junho de 2023, na capital do estado, Palmas. O negócio foi projetado, desde o início, para a exportação. Formada em relações internacionais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Maria Tereza já sabia a quem recorrer para encurtar o caminho de entrada no comércio exterior.

Tendo trabalhado como voluntária e depois como técnica na Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

“Em uma rodada de negócios em São Paulo, eu conheci o Maurício, que é um dos gerentes da Casa Brasileira, que é uma loja colaborativa que tem em Lisboa, em Portugal, e aí no evento ele me falou: ‘me manda o catálogo, que a gente não tem peça de capim-dourado’. Eu mandei o catálogo, a gente conversou e, em janeiro, eu mandei as primeiras peças para a Brasileira. Eles vão vender as minhas peças”, conta.

O Peix tem como objetivo qualificar os empreendedores brasileiros para inserirem suas empresas no comércio internacional. O programa é implementado em todas as regiões do país por meio de parcerias da ApexBrasil com instituições de ensino ou federações de indústria.

Elas constituem os cha-

Capim-dourado...2

(ApexBrasil), ajudando empresários a exportarem pela primeira vez, a jovem agora estava do outro lado, buscando se qualificar para o comércio internacional.

Ela se inscreveu no Programa de Qualificação para Exportação (Peix) e confirmou, na própria pele, o que já havia garantido a outros empreendedores: a iniciativa faz mesmo a diferença.

“Além desse network, contatos e pontes que a Apex faz, porque é um órgão já estabelecido no

Brasil e no mundo – a Apex tem vários escritórios no exterior –, eles prestam muito bem esse auxílio para pessoas que não têm nenhuma experiência ou falam: ‘ah, eu quero exportar, mas eu não sei como exportar’. Tem o Peix para fazer isso”, afirma.

Em um evento promovido pela Apex, apenas alguns meses depois da Yetu Biojoias surgir, Maria entendeu como a rede de contatos da agência é um diferencial para os pequenos empreendedores.

Capim-dourado...3



Cestos, jarros e outros objetos feitos com a fibra do capim-limão

mados núcleos operacionais do Peix. Por meio do núcleo operacional, o empreendedor recebe um diagnóstico sobre o seu negócio e um plano de exportação personalizado, com etapas a serem adotadas até que ele se torne apto às exportações. A participação é gratuita.

Desde 2021 até 2023,

827 das 5.334 companhias que passaram pelas mãos do programa já começaram a exportar, o que lhes rendeu, ao todo, US\$ 3,16 bilhões de dólares.

Se quiser saber mais sobre outros programas da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, acesse www.apexbrasil.com.br.

Lula fica neutro na eleição da Câmara

Em reunião com líderes de 19 partidos da base aliada, no Palácio do Planalto, o presidente Lula disse que não vai repetir o “erro” da então presidente da República Dilma Rousseff, que, em 2015, apoiou um candidato do PT para concorrer ao comando da Câmara contra o deputado Eduardo Cunha.

Eleito, Cunha autorizou a abertura do processo de impeachment contra Dilma, 10 meses depois.

Lula explicou que não interferirá nas eleições do Congresso porque isso “sempre dá errado”. Sustentou que Lira tem o direito de escolher quem quer ser seu sucessor. Argumentou, porém, que o atual presidente só precisa verificar se o seu candidato é o nome que a Câmara quer.

Pensão alimentícia

Por 10 votos a um, o Supremo Tribunal Federal (STF) confirmou que não é preciso ter um advogado para dar entrada em pedidos de pensão alimentícia. Basta que a pessoa se apresente pessoalmente diante do juiz para expor seus argumentos.

Essa já é uma previsão legal, mas a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) acionou o STF pedindo que a legislação fosse declarada incompatível com a Constituição porque, na avaliação da entidade, viola o direito à defesa técnica, o devido processo legal e a isonomia do processo.

A lei em questão está em vigor desde 1968 – antes, portanto, da promulgação da Constituição Federal. Ela dispensa a presença do advogado na audiência inicial da ação de alimentos. Depois disso, a pessoa precisa constituir defesa ou o juiz deve fazer isso por ela.

Más influências

Cuidado com as más influências nas redes sociais. Elas estão na tela do celular e, provavelmente, já apareceram na sua bolha com algum apelo irresistível.

Em geral, são pessoas aparentemente bem-sucedidas, com histórias fascinantes, estilos de vida de dar inveja, conselhos infalíveis (do tipo “coach” ou “mentoria”, para usar termos da moda) e promessas jamais cumpridas.

Falo de influenciadores que, na verdade, deveriam ser chamados de “más influências” ou de “influenciadores ao contrário”, porque é isso o que fazem esses tipos por trás da estampa de grife, da “desarmonização facial” e da ostentação sem limites.

São criminosos, simples assim.

Bolsonarismo 2.0

Pablo Marçal, o candidato à prefeitura de São Paulo pelo PRTB, faz Donald Trump ou Jair Bolsonaro parecerem atores políticos do paleolítico das redes sociais. Ele representa o trumpismo/bolsonarismo 2.0.

Se os ex-presidentes atraíam exércitos de militantes para atuar em suas redes sociais, Marçal torna o “trabalho” dos seguidores uma competição em que ganhar dinheiro é quase uma diversão: o ex-coach/empresário convoca seus fãs a se ocuparem de sua candidatura tanto por meio de torneios pelos melhores cortes, segundo denúncia que levou a Justiça a decidir pela retirada do ar de seus perfis, quanto com o aproveitamento do mecanismo do algoritmo que engaja pela emoção, pelo conflito e, claro, pelo bizarro.

Mais do que o uso de recortes de vídeos, linguagem mais orgânica das redes atuais, Marçal adota outro modelo de mídias como TikTok e Instagram: a trollagem, a provocação calibrada do adversário para despertar reação – se for violenta, melhor, até porque, certamente, será captada por alguém do Big Brother da vida política atual.

Tamanho gingado para lidar com as redes sociais abre uma disputa sobre quem representa, de verdade, a bandeira da direita: o bolsonarismo oficial tem em Ricardo Nunes seu representante na capital paulista, e em Marçal, o dissidente. Todos alimentam-se do antipetismo em particular e da anti-esquerda em geral.

Por enquanto, a guerra fratricida no conservadorismo está restrita a São Paulo, mas, em breve, deve se nacionalizar.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



O atual e o ex-presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes e Felipe Mussalém



A vereadora Karla Sarney com Cristiano Barroso Fernandes e André Mendonça

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL RECEBE HOMENAGEM NA CÂMARA DE VEREADORES

Presidida pela vereadora Karla Sarney (PSD), autora da proposta, a Câmara Municipal de São Luís realizou uma sessão solene na tarde da última segunda-feira, dia 26, para comemorar os 170 anos da Associação Comercial do Maranhão (ACM), uma das mais antigas e influentes entidades empresariais do estado e a quinta mais antiga do Brasil.

Karla Sarney lembrou, durante a solenidade, que "a homenagem à Associação Comercial reflete o reconhecimento do impacto positivo que a entidade teve ao longo de quase dois séculos de atuação, promovendo o fortalecimento do comércio e da indústria no Maranhão e sendo útil como um ponto de encontro para o diálogo entre empresários".

Para o presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, foi um

motivo de muita satisfação receber a homenagem da Câmara Municipal de São Luís. "Até porque – pontuou – são 170 anos de uma entidade que tem uma história no desenvolvimento da cidade".

Cristiano Fernandes, ressaltou, ainda, que ao longo desse tempo sempre houve uma boa relação entre os setores público e privado no estado.

O vice-presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (Fecomércio-MA), Manoel Barbosa, destacou que a homenagem é muito significativa, não só para as instituições que compõem a ACM, mas também para a cidade e para o Maranhão. "A Associação Comercial reúne a maioria dos empresários que giram a economia da cidade e do estado", disse o empresário, lembrando que a ACM foi a quinta instituída no Brasil.

Presidente da ACM entre 2001 a 2004, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, pai do atual presidente da entidade, parabenizou a iniciativa de homenagear a entidade de classe. "A Associação Comercial representa muito para o nosso estado, pois tem uma história muito significativa e a gente fica feliz, enquanto empresário, por esse reconhecimento".

Fizeram parte da mesa diretora dos trabalhos, o presidente do Clube dos Diretores Lojistas de São Luís (CDL), Fábio Ribeiro e a secretária adjunta da Micro e Pequena Empresa da Secretaria de Estado de Indústria e Comércio, e ex-diretora da ACM, Luzia Rezende, além dos diretores da ACM, Camila Joare e Pedro Robson Holanda da Costa, que nesse ato representavam o presidente da Federação das Indústrias do Maranhão, Edilson Baldez.



Os ex-presidentes da ACM, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes (ao lado do filho e atual presidente Cristiano Barroso Fernandes), Luzia Rezende e Fabrício Mussalém



Cristiano Fernandes entre Fábio Ribeiro e o presidente da Amasp, Manoel Barbosa



Karla Sarney entre Camila Joare e Lou Marques



Pedro Robson Holanda da Costa e o presidente Cristiano



Cristiano Fernandes e Fabrício Mussalém fazem moldura para Eulália das Neves



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes entre Dilson Tavares e Fernando Dualilbe



Cristiano Fernandes com Fernando Dualilbe e André Cutrim Mendonça



Cristiano Fernandes com a ala feminina da Associação Comercial

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Na entrada do Villa Reale foram colocados retratos dos ex-presidentes da Associação Comercial



Os ex-presidentes que compareceram à comemoração dos 170 anos: Júlio Noronha, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, Carlos Gaspar, Luzia Rezende, o atual presidente Cristiano Barroso Fernandes, Roberto Albuquerque e Fabrício Mussalém

FESTA PELOS 170 ANOS DA ACM

A semana na Associação Comercial do Maranhão (ACM) foi marcada por homenagens e muita emoção para comemorar os 170 anos da entidade, transcorridos no último dia 21 de agosto.

Na semana da culminância das celebrações, na segunda-feira (26), na Câmara Municipal de São Luís, o atual presidente da entidade, Cristiano Barroso Fernandes recebeu a homenagem para Casa, uma proposta da vereadora Karla Sarney

Já na quarta-feira (28), foi realizada a Solenidade Magna, evento que aconteceu no Villa Reale Buffet. Em

discurso já de despedida – este é o último ano da gestão do presidente Cristiano Barroso Fernandes, o empresário destacou o desejo para que as novas gerações, em face dos grandes desafios do Maranhão, busquem ampliar a força do associativismo, utilizando-a para o bem do empresariado e das atividades produtivas.

Além do discurso emocionante, o destaque da noite ficou por conta das homenagens. Neste ano, quem recebeu o reconhecimento por atuar no Maranhão há, pelo menos cinco décadas, foi o Grupo Lavamatic,

empresa genuinamente maranhense de lavanderia, costuraria, sapataria e bordados, fundada por Antonio Carlos Mendonça, cuja saúde debilitada não lhe permitiu comparecer à solenidade.

O momento também foi oportuno para reconhecer “as pratas da Casa”. Subiram ao palco para serem homenageadas, a funcionária mais antiga da entidade, Luciana Pereira, que trabalha há 23 anos no setor administrativo da entidade e a jornalista Laurene Leite, gestora de comunicação, que atua há 27 anos para a entidade empresarial



Carlos Gaspar com o presidente do Sebrae-Ma, Celso Gonçalo de Souza e o presidente da Fecomércio-Ma, Maurício Aragão Feijó



Fernanda Cutrim Mendonça com o troféu que celebrou os 50 anos de sua empresa Lavamatic



Kamila Paixão e Cristiano Barroso Fernandes



Cristiano Barroso Fernandes e Júlio Noronha com a homenageada Luciana Pereira



A homenageada Laurene Leite entre Cristiano e seu pai Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



André Mendonça e Ana Cláudia, Fernanda Mendonça, João Victor(neto) e a namorada Giovana Duailibe, Adriana e Vaz Filho.



O chefe da Casa Civil do Governo, Sebastião Madeira, com o presidente da ACM, Cristiano Fernandes



Diretora do ACM Mulher, Jacira Haickel, e o presidente da ACM Cristiano Barroso Fernandes



Albertino Leal de Barros Filho (diretor superintendente do Sebrae-MA) e José Cursino Raposo



Cristiano Fernandes e Kamila Paixão com Ana Cláudia e André Cutrim Mendonça



A vice-prefeita de São Luís, Esmênia Miranda, e Armando Ferreira (diretor do Rio Poty Hotel)



Linda vista do centro histórico de São Luís tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade e por onde deve circular "O Vampiro da Praia Grande"



Luis Augusto Cassas circulando por uma das ruas da Praia Grande à caça do Vampiro

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE

Decidido. O Vampiro da Praia Grande, irá ao ar, na próxima sexta-feira, 13 de setembro. Na Livraria Amei, no Shopping São Luís, às 19 horas. O romantismo do vampiro é que o sorriso não pode ser revelado, mantém-se enigmático, e é esse magnetismo que ameaça e atrai. Vampiro é um estilo. Desobrigue-se do comum da vida social. Guarde-se para ele.

A poesia de Luis Augusto Cassas, habita a convivência entre o popular e o esotérico, o místico e o mítico, o social e o existencial, o cósmico e o sentido da vida, navegando entre cartas de tarôs e iniciações barrocas.

Pródiga em códigos, é atravessada por dramática compreensão do universo, incorporando o niilismo e o satori, cuja assinatura, portando exacerbada sede de eternidade e ânsia de infinito, revela nuances cabalísticas, impressionistas, realistas, dadaístas e surrealistas.

Em sua obra, a mitologia ludovicense encontra relevância, pela proeminência de temas e a riqueza do olhar lírico sobre a cidade natal. O livro *O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE*, integra conjuntamente a obra lírica de mais de trinta títulos do autor, que mora em São Paulo e está em temporada na cidade, em visita às suas raízes, família, amigos e o tempero da terra.

De índole solitária, não é filiado a igrejinhas, grupos, academias, sindicatos, etc. Para Cassas, a poesia tem sido seu bunker, templo, cinema, psicoterapia.



O poeta Cassas buscando inspiração entre as carrancas da Fonte do Ribeirão



A escadaria do Beco de Catarina Mina, um dos mais emblemáticos da Praia Grande



O poeta Cassas procurando rastros de "O Vampiro", na Praia Grande



Registro do encontro de dois grandes poetas de São Luís: Luis Augusto Cassas e José Chagas, este de saudosa memória



O poeta Ivan Junqueira com o poeta Cassas na Livraria Argumento, no Leblon-Rio

ENTREVISTA COM O VAMPIRO

PHREVISTA- Quem é o Vampiro da Praia Grande?

POETA – Um vampiro colonial, sanguinário, romântico e charmoso, sempre à espreita de adoráveis pescoços, principalmente femininos, que morem nas imediações ou as possa atrair para o seus esconderijos e suprir-lhe a necessidade de sangue. Este Vampiro, vale dizer, amola os dentes nos pontos e se esconde nos velhos mirantes, pela glória de habitar espaços históricos para que suas seduções amorosas se deem em um passado de antigo esplendor.

PH REVISTA - Como nasceu esse vampiro? Houve motivação especial para que desembarcasse no mundo?

POETA – Nasceu da escuridão das paixões do próprio autor, que escreveu o livro. Durante anos o envolvimento delirante com o álcool, o feminino mais exacerbado e uma pitada de treva, me acessou um contato maior com a noite íntima. Acordava de tardinha, com fome e sede, e buscava lugares mais escuros, que pudesse saciar-me. Percebi, então, que detestava o sol - me cegava, deprimia, obscurecia-me a alegria. Precisava da escuridão e suas luzes de apoio, para que pudesse temperar a minha vida. É viver no novo mundo. A noite era uma criança. E me encantava, embora temesse o novo reino que iria habitar. Pronto, o Vampiro estava lá.

PH REVISTA - O nascimento de O Vampiro da Praia Grande, se deu pelo envolvimento e forte atração pela escuridão, ou subsidiaram-lhe outros eventos?

POETA – Nada nasce absolutamente de apenas um acontecimento. Não existe parto sem o concurso de vários personagens. Há uma teia, uma veia, que faz a devida transfusão de sentidos, até jorrar o novo fato, filho de múltiplas circunstâncias.

Sempre fui leitor e espectador de filmes de vampiros. A minha capacidade erótica encontrava neles ecos e sugestões. Atração e repulsa, minavam a minha tensão, alguns diriam tesão. Mastiguei todos, dos precursores, das regiões de Transilvânia, Valáquia, Rutênia, Eslováquia, até esbarrar no Príncipe Vlad, que mais tarde, Abraham Stockler, escreveu o Drácula. E como esquecer Lestat, com seu charme destruído? Mas meu vampiro tem uma maneira pessoal de desfilir no campo da pós-modernidade, esse teatro que vivemos. É absolutamente pessoal.

PH REVISTA - Qual o sinal mais evidente da construção desse personagem, convergência com os colegas, e aspectos em que se diferencia dos outros vampiros?

POETA – Sou um ser movido essencialmente pelo desejo, amor, cultura e apto a compreender as questões da sabedoria mais profunda.

O vampiro que construí, esculpindo perfil e thriller, não poderia transgredir temporalmente o ímpeto de viver a imortalidade. Mas o atualizei, trazendo-o para o ambiente pós-moderno e as peculiaridades da essência ludovicense, onde pudesse viver a

singularidade do seu desejo, incluídos os ciclos de mortes e renascimentos.

Aqui, vivencia a saga de sua contemporaneidade. Frequenta Neuróticos Anônimos e Vigilantes do Peso; adora ser personagem no carnaval da Madre Deus; e revela indistigável desejo de ser membro de Academia, barrado pela evidência desvantajosa da ausência de sangue morno. Além de outros delírios essenciais.

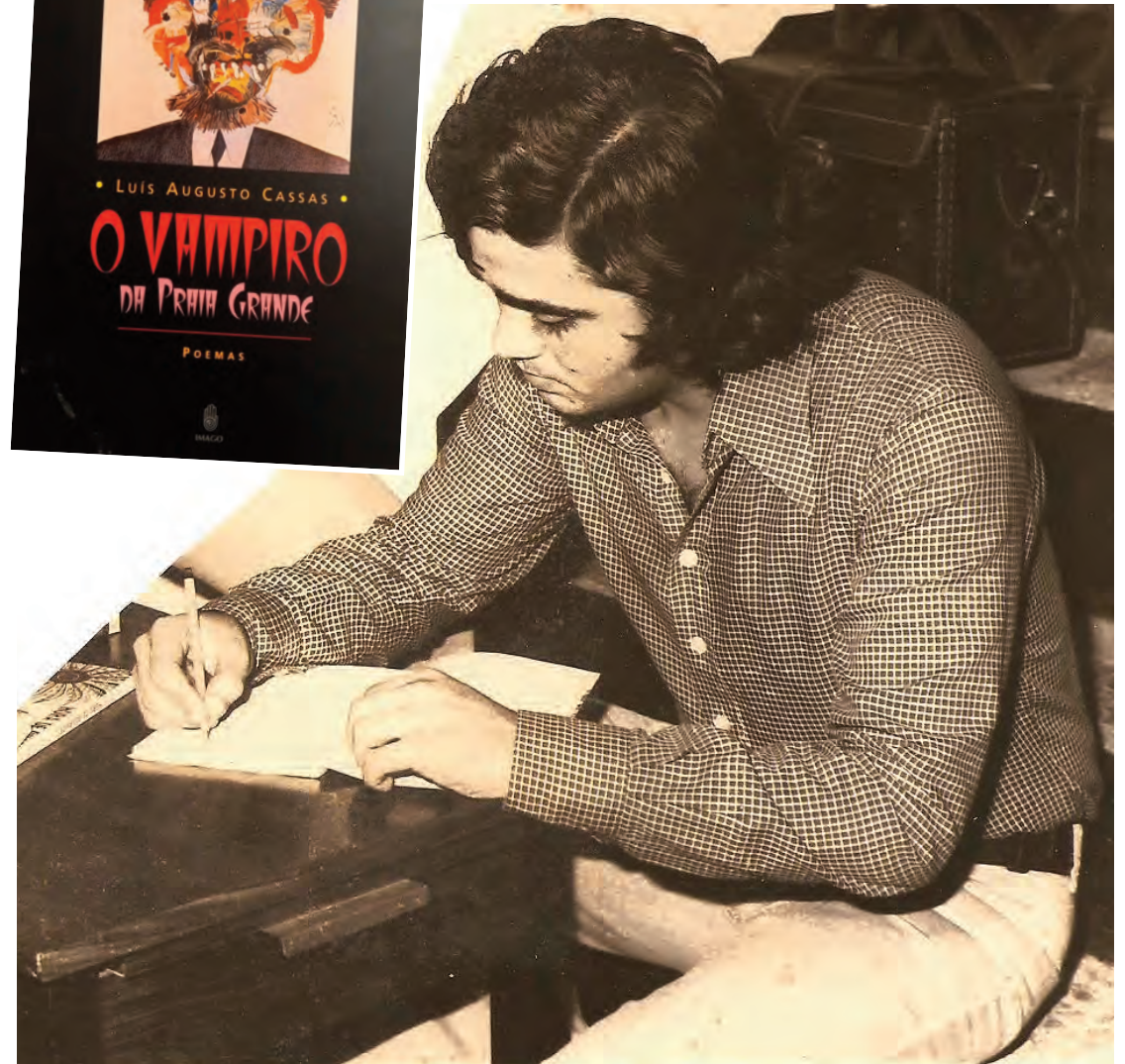
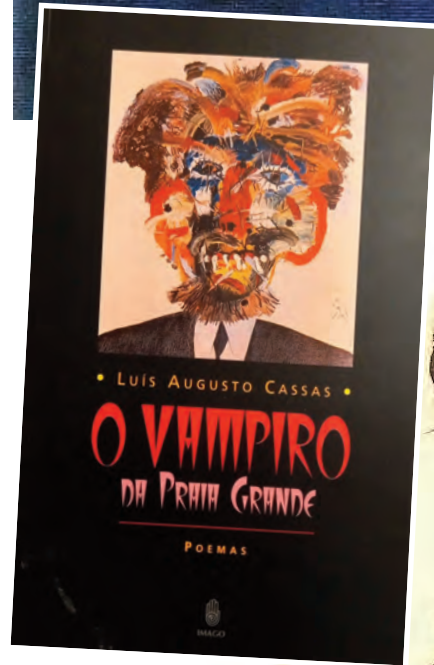
Mas traz um componente essencial à sua motivação espiritual: o cansaço existencial dos excessos do desejo, morder, amar, sofrer, apesar da virulência dos caninos heavy-metal. Sente que esgotou seu modelo e busca a iluminação pelo batismo do sol derramado sobre sua escuridão.

Essa, a aspiração que foi se consolidando em suas incursões pelo mundo. Cansou da treva. Agora, quer luz.

PH REVISTA - O lançamento de O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE está anunciado pra uma sexta, 13 de setembro, na Livraria Amei, no Shopping São Luís.

Uma das novidades, é o autor que vai fazer solitariamente a leitura dos poemas. Como compreender esse movimento?

POETA – Como um movimento natural de um poeta e sua prole de livros. Mudanças são essenciais e tipificam uma dança interna com a palavra. Mas relaxem, não vou morder ninguém.



Cassas ainda muito jovem autografando seu primeiro livro "A República dos Becos" para o amigo PH

A DIETA DO VAMPIRO

Camaleão em dias fúteis
carnívoro em noites úteis
Macrobiótico Baal:
sem gordura e sal

Vigilantes do Peso:
carnes magras – o desejo
Sangue tinto: belas safras
Enologia das taras

½ garrafa ao jantar
Outra taça ao deitar
Excluo os ossos e o tutano
Só devoro quem amo



Eis uma das ruas mais bonitas do Centro Histórico de São Luís

NERUDA:

51 anos sem o chileno Pablo Neruda, Prêmio Nobel de Literatura de 1971

E ex-senador do Chile, Ricardo Elíecer Neftalí Reyes Basoalto, mais conhecido pelo seu pseudônimo e, mais tarde, nome legal, Pablo Neruda, foi um poeta-diplomata chileno e político que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1971. Nascido em 12 de julho de 1904, em Parral, Chile, faleceu no dia 23 de setembro de 1973, em Santiago, Chile. Nos últimos anos de vida foi casado com Matilde Urrutia (de 1966 a 1973).

O início dos anos 1970 parecia antecipar um período de bonanças para o poeta Pablo Neruda. A começar pela vitória de seu amigo Salvador Allende nas eleições para a presidência do Chile – Neruda, aliás, era presidenciável e retirou sua candidatura para apoiar Allende. No ano seguinte, em 1971, como embaixador na França, o autor foi laureado com o cobiçado Nobel de Literatura. A boa fase, porém, não duraria muito. Em 1972, Neruda foi diagnosticado com câncer de próstata, o que lhe afastou da vida pública. Seu pior pesadelo, porém, viria em 11 de setembro de 1973: a notícia de que

Augusto Pinochet havia tomado o poder em um golpe militar – e de que Allende havia se suicidado. Doze dias depois, aos 69 anos, Neruda também estaria morto.

O poeta morreu em 23 de setembro de 1973, data que completa 51 anos neste mês e ainda causa discussões. A causa oficial da morte é o câncer de próstata. Porém, pessoas próximas de Neruda batiam na tecla de que ele fora envenenado pelo governo de Pinochet. A teoria de tom conspiratório não era sem razão. Além de poeta, Neruda era ativo na política. Foi senador e figura importante do partido comunista na década de 1940 e chegou a viver exilado na Argentina no início dos anos 1950, quando o comunismo foi banido do país. Ao lado de Allende, era o nome mais popular da esquerda chilena quando Pinochet tomou o poder. O caso, anos depois, voltou à tona e, em 2013, o corpo de Neruda foi exumado – uma investigação que já dura mais de vinte anos com resultados intrincados.

Tudo começou quando um antigo motorista de Neruda revelou em depoimento que o escritor ligou para ele

horas antes de morrer, afirmando ter recebido uma injeção suspeita no estômago enquanto dormia no hospital. O caso dividiu a própria família de Neruda. Um de seus parentes mais vocais contra a exumação, o sobrinho-neto Bernardo Reyes afirma que a teoria é absurda, já que naquela época “ainda não havia no país, durante a ditadura, um desenvolvimento de assassinatos com técnicas químicas”. Do outro lado, Rodolfo Reyes, também sobrinho do autor, chegou a divulgar antes dos encarregados das análises laboratoriais um resultado cravando o assassinato do tio.

De fato, os cientistas encontraram na ossada de Neruda uma toxina produzida pela bactéria clostridium botulinum, que causa botulismo. “Encontramos a bala que matou Neruda, estava dentro de seu corpo. Quem a disparou? Em breve vamos descobrir”, disse Reyes. Responsáveis pela análise, porém, não cravaram que a morte tenha sido envenenamento.

Um mistério que assombra a história do Chile e da literatura.



Os peritos nunca hão de aprender que os poetas são alquimistas de seus próprios venenos. Na foto, Neruda e Jorge Amado nas ruas de Salvador da Bahia

Evandro Teixeira e Neruda

Foi numa entrevista concedida em 2012 a Paulo César Boni, da UEL-Universidade de Londrina, intitulada “A fotografia a serviço da luta contra a ditadura militar no Brasil”, para a revista Brasileiros, que o premiado fotógrafo baiano Evandro Teixeira (é autor do livro Fotojornalismo, de 1983, que integra o acervo da Biblioteca do Centro de Artes Georges Pompidou, em Paris) narrou, pela primeira vez, como conseguiu aproximar-se de Pablo Neruda em setembro de 1973, como enviado especial do Jornal do Brasil para cobrir o golpe de Pinochet no Chile.

Certa noite, conta o fotógrafo, poucos dias após o golpe de 11 de setembro de 1973, fora jantar no terraço do Hotel Carrera, onde estava hospedado – o mesmo hotel, de onde o cinegrafista alemão, Peter Hellmich, filmara oculta e magistralmente o bombardeio do Palácio de La Moneda, e no qual eu também fiquei hospedado na primeira vez que visitei o Chile, integrando a comitiva do então presidente da República, João Batista Figueiredo, em 1982.

No restaurante, onde almocei com a cantora Alcione, também em visita a Santiago no mesmo período, fora-lhe apresentada uma senhora, por coincidência, esposa de um adido militar do Chile no Brasil. A senhora passava suas horas no hotel, enquanto o marido participava do golpe. “Mas ela era paulista, gente nossa”, comentou Teixeira, irônico. Ele precisava de fotos de gente importante e mencionou Pablo Neruda.

Então, como se fosse enviada pela providência divina, a brasileira lhe confidenciou um segredo: ninguém conseguiria falar com Neruda, porque estava confinado em Isla Negra, mas como estava mal de saúde, seria trazido para o Hospital “São José”, em Santiago.

O nome estava errado, não se sabe se por engano da informante, ou por esquecimento de Teixeira. Fato é que a “gente [ou agente?] nossa” era bem relacionada, e deu seu cartão de visitas ao fotógrafo como senha para o contato com o diretor da Clínica Santa Maria.

Teixeira fora à clínica, cujo diretor o recebera, confirmando que Neruda dera entrada, acompanhado de sua esposa, Matilda Urrutia. Com um truque, Teixeira apresentara-se como “amigo” de Neruda, pois o tinha fotografado no Brasil, ao lado de Jorge Amado e coisa e tal. “O médico respondeu que não confiava muito em nós, jornalistas, não”, lembra-se Teixeira, que exagerara na dose, já afirmando ser também amigo de Matilda, ao que o médico cedera e, abrindo uma portinhola, permitira que Teixeira visse a esposa de Neruda, que saudou, desejando melhoras ao poeta.

“Já ia por a mão na câmera, mas o médico não permitiu”, conta, mas não conta se também conseguira ver Neruda. Em seguida fora mandado embora pelo diretor, que lhe prometera enviar ao hotel o boletim médico do poeta, que seria emitido às 22h. Teixeira não menciona a data, mas só podia ser o fatídico domingo, 23 de setembro de 1973.

Contudo, o relógio marcara 22h e o médico não havia enviado o boletim. Quando Teixeira lhe ligara, cobrando o boletim, o médico o surpreendera com a notícia da súbita morte de Neruda.

Mal bateram 6h da manhã do dia seguinte, suspenso o toque de recolher, Teixeira retornara à clínica, escondendo sua máquina Leica debaixo da camisa. Sua visita não fora anunciada e, corajosamente, o brasileiro infiltrara-se na clínica através de uma porta dos fundos. Quando alcançara o corredor do dia anterior, viu “Pablo Neruda jogado numa sala qualquer, e a Matilda ao seu lado” – e começou a fotografar. Em seguida, dirigira-se a Matilda, jogando verde, de que era o fotógrafo de Jorge Amado, e a esposa do poeta colhida maduro, deixando-o fotografar.

Com o truque inusitado, Teixeira passara o dia 24, todo, fotografando, inclusive durante a preparação do corpo de Neruda. “Começaram a arrumar o corpo, passar formol, aquelas coisas, todas – e eu fotografando. Terminaram o preparo e colocaram o corpo num caixão – e eu fotografando. Dali ele foi levado para sua casa, que ficava no alto de uma colina, e eu fotografando tudo”. Depois, ainda com a permissão de Matilde Urrutia, acompanhou a condução do corpo até a “Chascona”, toda destruída, onde ocorreu o velório.

No dia seguinte, Teixeira acompanhou Neruda até seu primeiro túmulo no Cemitério Geral de Santiago, acompanhado de milhares de pessoas, como primeira manifestação de resistência pacífica à ditadura.



Na casa de Jorge Amado, na Bahia, Pablo Neruda entre Vinícius de Moraes (segurando no colo Paloma Amaro, que era afilhada de Neruda) e Jorge Amado

Depoimento de Teixeira

O brasileiro Evandro Teixeira foi o único entre mais de mil fotógrafos do mundo a ter acesso à clínica Santa Maria. Aqui, ele conta como foi o registro.

“Eu estava no Chile em 1973, logo após o golpe militar, pelo Jornal do Brasil. Estando em Santiago, só pensava em Neruda. Eu havia acompanhado o encontro dele com Jorge Amado, na Bahia, anos antes. Naquele momento, ele representava o impacto de

Pinochet. Investigando para localizá-lo, soube de sua internação e fui à clínica, usando o nome de uma senhora casada com um militar chileno. A tentativa foi negada, mas consegui receber os boletins médicos, por meio dos quais fui informado sobre sua morte. Nesse dia, voltei à clínica. Entrei por uma porta sem vigilância e vi o corpo de Neruda. Sua mulher, Matilda, estava lá. Eu me apresentei como o fotógrafo que havia

registrado o encontro dele com Jorge Amado e ganhou a permissão de Matilda para acompanhar o cortejo, todo o funeral. Mas fotografei até mesmo o momento em que o corpo foi arrumado. Esse acervo chegou a fazer parte de um livro e foi conhecido pelo mundo. Naquele momento, pensei o que penso até hoje: foi um dos momentos mais marcantes da minha profissão e da minha vida. Eu chorava e fotografava ao mesmo tempo.”



Neruda: a voz calada que não pode, nem nunca irá, se calar

O interrogatório de Neruda morto

1 Setembro de 1973. O jovem poeta tinha o ego massageado por intelectuais como Erasmo Dias, João Mohana, Josué Montello, ou por católicas da nossa literatura: José Américo de Almeida, Cassiano Ricardo. Com a cabeça repleta de sonhos, eu queria mais. Quem sabe um afago de Pablo Neruda? Quando se é jovem o sonho não tem limites. Há pouco menos de um ano lançara o meu livro de estreia, Existencial de agosto, e, por sugestão de Bandeira Tribuzi, enviei um exemplar para Neruda. Alguns meses depois, chegava a notícia cortante e a eterna incerteza de que os meus poemas tenham sido lidos pelo poeta chileno.

2 Abril de 2013. Lembro T.S. Eliot: “Abril é o mais cruel dos meses, germina/ Lilases da terra morta, mistura/ Memória e desejo...” Releio Neruda: “A minha luta é dura e regresso/ com os olhos cansados/ às vezes por ver/ que a terra não muda”. Em Isla Negra, que visitei há pouco tempo, era feita a exumação dos restos mortais de Pablo Neruda para determinar se o poeta foi assassinado. A uma funerária com o corpo do prêmio Nobel de Literatura foi retirada do túmulo onde estava enterrado junto a sua terceira esposa, Matilde Urrutia.

3 Neruda morreu no dia 23 de setembro de 1973, exatamente 12 dias após o golpe militar no Chile que levou Augusto Pinochet ao poder. De acordo com a versão oficial aceita até os dias de hoje, a causa da morte do poeta seria um câncer. No entanto, o motorista de Neruda na época, que o levou para o hospital, contesta essa versão. Ele tem

certeza de que o poeta, crítico do regime, foi intoxicado com alguma substância analgésica. Não deu em nada a análise dos restos mortais do Poeta por uma equipe internacional de médicos legistas, antropólogos, bioquímicos e toxicólogos. Ou seja, “A verdade está nos restos mortais”, como bradou Alexandra Manescu, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, única alemã que fez parte da equipe de especialistas.

4 A partir daí, tenho pensado todos os dias sobre o interrogatório de Neruda morto. Ato de exumação, de um corpo ou de um caso de amor, acordam histórias fantásticas, episódios mórbidos que vadiam na memória dos que já muito viveram como restos de leituras de horrores ou de comédias povoadas por vampiros, médicos enlouquecidos, enfermeiros mutiladores, freiras de costumes obscuros, corredores de luz mortiça cercados de sombras em deformação.

A exumação envolveu fantasias e histórias reais de envenenamentos, intrigas de sogras antigas e pragas de madrastras sem alma. Ela é o reverso das cerimônias de sepultamento de quem teria definhado ao consumir, até mesmo com alegria, doses lentas de um veneno saboroso e invencível que lhes foram ministradas por olhos fingidos de amor que, pouco a pouco ou com arrebatamento, lhe embriagavam com paixão doentia.

5 Depois que os coveiros encerraram os movimentos de pás ou a remoção da tampa do jazigo, no entomo, homens sisudos e mulheres de óculos, mascarados, enlucados,

cuidadosos, frios, cortaram tecidos, bateram em ossos, colheram restos de vísceras tangidos por denúncias apócrifas ou de amigos irrisignados. Profanaram o cadáver na busca do que determinou o fim de uma vida à revelia da vontade do Senhor, testemunha muda de todos os crimes.

No laudo foram capitulados detalhes da compleição física da criatura, da textura da pele, linhas do crânio, do tórax, do abdômen. E analisado o trajeto da cápsula, se tiro houve, ou da lâmina, se foi usada arma branca. Mas é o envenenamento que mais minúcias exigiu do estranho grupo que buscava naqueles restos uma ponta de confissão, de revelação

6 Aqueles homens sisudos e aquelas mulheres de óculos sabiam dizer a distância e a direção do disparo. Podiam descrever a arma branca e definir que o ferimento teve a forma de boteeira.

É possível que identificassem a fórmula que causou o desenlace. Mas nada souberam dizer de definitivo de um cadáver profanado que era de um poeta. Todos os órgãos do poeta, no sepultamento ou na exumação, estavam projetando imagens numa linguagem inalcançável pela frieza daqueles que cometeram a temeridade de tentar interpretar de como ele sentiu o calor da bala em suas entranhas ou o gelo da lâmina, ou mesmo as delícias do veneno letal.

Os peritos nunca hão de aprender que os poetas são alquimistas de seus próprios venenos. Para os poetas, não importa explicar o coração quando o amor não pulsa mais.

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr
 @evandrojr

Fotos/Divulgação



O diretor do Laboratório Lacmar, Vinícius Braid, com o avô e presidente do Grupo Mercúrio, Paulo Braid, e Plínio Tuzzolo, diretor geral do Hospital do Servidor Estadual



O casal Paulo Braid Júnior e a esposa Mayara, da Casa Adega SLZ, responsáveis pelos vinhos e espumantes do evento



O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargador Fróz Sobrinho, com a esposa Edmée, e o anfitrião Vinícius Braid



Adriana e Danielle Vieira com o DJ Diego Moura, que assinou o setlist do evento

UM EVENTO especial marcou os dez anos de existência do Laboratório Lacmar, reunindo colaboradores, parceiros e convidados na Casa Adesso, ao som de um concerto clássico seguido do DJ Diego Moura. O Lacmar, que integra a holding de empresas de saúde fundada pelo empresário Paulo Braid e tem no comando o visionário diretor executivo Vinícius Braid, experimenta um crescimento exponencial, com inovação e excelência em diagnóstico laboratorial, incluindo, aliás, uma nova divisão em genética



Tiago Fortes, diretor executivo do Natus Lumine Hospital e Maternidade com a esposa Priscila



Vinícius Braid entre as colaboradoras do Lacmar homenageadas: Francileia Rodrigues e Vânia Lima



Felipe Albuquerque Marques, diretor científico do Lacmar Genômica, Vinícius Braid e Susana Viana, gestora administrativa do Lacmar



Chrystiane e a mãe Graça Vasconcelos com Janaína Braid



Vinícius Braid com os amigos Diogo Miranda, Laercio Caldas, Maria Eduarda Durans, Lucas Muniz, Vinícius Oliveira e Angélica Souza



Rafael Sarney e Rafaella Braid, Vinícius Braid e o casal Roosevelt e Patrícia Braid



Ulisses César de Sousa e Patrícia Sousa



Edmar e Glauber Cutrim



O casal Ricardo e Maria Luiza Miranda



O time do Laboratório Lacmar celebrando dez anos de inovação e excelência



Time do HSE: Ana Cláudia Carvalho, Rafael Lima, Dr. Aminadabe Sousa e esposa Suelma, Plínio Tuzzolo, Dra. Sílvia Mochel e Joaquim Mochel Filho com Edém Nicolau